



Panorama de Jerusalem

Jerusalem foi fundada por Melchisédech, no anno do mundo 2023, e denominou-a *Salem*. Não occupava n'aquella época senão as duas montanhas de Maria e de Acra. Cincoenta annos depois da sua fundação foi tomada pelos jebuseanos, descendentes de Jebus, filhos de Chanaan.

Edificaram sobre o monte Sião uma fortaleza á qual deram o nome de Jebus, seu pae. A cidade tomou então o nome de Jerusalem. Josué apoderou-se da cidade baixa de Jerusalem; no primeiro anno da sua entrada na terra promettida, fez justiça o rei Adonisedech e os reis d'Ebron,

de Jerimol, de Lachis, e d'Églon. Os jebuseanos ficaram senhores da cidade alta e da cidadella de Jebus, e só foram expulsos por David, oitocentos e vinte e quatro annos depois da sua entrada na cidade de Melchisédech. David fez augmentar a fortaleza de Jebus, e deu-lhe o seu nome, e mandou edificar sobre o montanha de Sião um palacio e um tabernaculo, afim de ali depôr a arca de alliança. Salomão augmentou a cidade santa: elevou o primeiro templo de que a Escripura e o historiador Joseph referem as maravilhas, e para o qual o proprio Salomão compoz tão bellos canticos.

Cinco annos depois da morte de Salomão, Sacc, rei do Egypto, atacou Roboam, tomou e saqueou Jerusalem, e cincoenta annos depois tornou a ser saqueada por Joas, rei d'Israel.

Invadida de novo pelos assyrios, Manassés, rei de Judá, foi conduzido a Babylonia, como captivo. Finalmente, no reinado de Sedecias, Nabuchodonosor destruiu Jerusalem, mandou incendiar o templo e fez conduzir os judeus para Babylonia.

O primeiro templo foi destruido quatrocentos e setenta annos, seis mezes e dez dias depois da sua fundação, por Salomão, no anno do mundo 5515, pouco mais ou menos seiscentos annos antes de Christo: a cidade tinha sido governada, durante quatrocentos e sessenta e sete annos, por dezasete reis, desde David até Sedecias.

Depois de setenta annos de captiveiro Zorobabel começou a reedificar o templo e a cidade. Estes trabalhos, interrompidos por alguns annos, foram successivamente concluidos por Esdras e Nehencia.

Alexandre passou em Jerusalem no anno do mundo 5533 e offereceu sacrificios no templo.

Ptolomeu, filho de Lagus, tornou-se senhor de Jerusalem, e esta cidade foi beneficiada por Ptolomeu Philadelpho que fez magnificos presentes ao templo.

Antiocho retomou a Judéa sobre os reis do Egypto e entregou a em seguida a Ptolomeu Evergetes. Antiocho Epiphaniô saqueou de novo Jerusalem e ordenou que se pozesse no templo o idolo de Jupiter Olympico.

Os machabeos libertaram o seu paiz e o defenderam contra os reis da Asia.

Infelizmente, Aristobule e Hircan se disputaram a corôa: recorreram aos romanos, que por morte de Mithridate ficaram senhores do Oriente. Pompeo correu a Jerusalem, introduzio-se na cidade e assediou e tomou o templo. Crassus não tardou a sequear este monumento augusto, que Pompeo vencedor tinha respeitado.

Hircan, protegido de Cesar, tinha-se conservado na grande dignidade de sacrificador. Antigone, filho de Aristobule, envenenado pelos partidarios de Pompeo, fez a guerra a seu tio Hircan e chamou os parthas em seu auxilio. Estes asentaram arraiaes na Judéa, entraram em Jerusalem e apresionaram Hircan.

Herodes, filho de Antipater, distincto official da corte de Hircan, apossou-se do reino de Judéa com o apoio dos romanos. Antigone, que a sorte das armas fez cair nas mãos de Herodes, foi conduzido a Antonio. O ultimo descendente dos Machabeos, o rei legitimo de Jerusalem, foi ligado a um poste e bastonado até morrer, por ordem de um soldado romano.

Herodes ficou senhor de Jerusalem e enriqueceu-a de soberbos monumentos. Foi no reinado d'este principe que veio Christo ao mundo.

ORIGENS DA POESIA HELLENICA

O HYMNO, A EPOPEA E O DRAMA

por Emilio Burnouf

III

(Continuado de pag. 151)

É incontestavel que a origem grega das duas principaes formas do drama deve ser procurada nos Doricos. Pondo de parte mesmo alguns factos historicos um pouco confusos e até certo ponto contestaveis, todós sabem que os córos são escriptos em dorico e que continuaram a sê-lo até ao fim da tragedia. Era portanto bem fundada a tradição de que o hymno bacchico donde saíra o córo tragico era um canto dorico. Por outro lado Aristoteles diz-nos que este canto era composto na harmonia dorica, isto é, no modo menor; modo que Platão, justo, n'este caso, nas suas preferencias aristocraticas, appellida com rasão de modo grego por excellencia. Accresce ser certo que a forma poetica chamada dithyrambo foi applicada a primeira vez ao hymno bacchico entre os Doricos em Corintho, Sicyone e Phlonte, e que os córos de Ario de Methymna ahi receberam por isso o nome de córos tragicos. Passava-se isto na primeira metade do seculo vi antes de Jesus-Christo, n'um tempo em que não se pensava ainda no que foi depois a tragedia; por consequencia este titulo de dithyrambos tragicos significava sómente o *hymno do bode*, revestido d'uma determinada forma coral. Pelo que diz respeito a esta forma é sem rasão que se attribue a sua invenção a Ario, como Otfried Muller parece erer segundo a opinião de Herodoto, ou a algum outro poeta dos tempos historicos, porque a palavra dithyrambo não é grega; a sua etymologia deve-se buscar n'um idioma mais antigo e provavelmente nas origens do culto de Baccho.

O mesmo se deve dizer dos celebres movimentos do córo tragico, a strophe, a antistrophe e o epodo.

A escola historica descreve estas evoluções mas não nos dá nem a explicação nem a origem d'ellas, e é necessario acrescentar que só com os dados de proveniencias grega é quasi impossivel conseguir esse resultado. A rasão d'essas evoluções obtem-se do modo mais simples e certo, pelo estudo comparado das religiões, pela leitura do Vêda, pela liturgia védica, enfim pela observação d'um acto de civilidade usado no Oriente desde tempos immemoriaes.

Sabe-se em que consistiam os movimentos do córo para a direita e para a esquerda do altar de Baccho, que se elevava no meio da orchestra semi-circular, entre as bancadas do theatro e a scena.

O córo estava de pé á esquerda do altar, depois cada corista, fazendo sobre si mesmo um quarto de volta, principiava a andar para a direita e tendo feito uma meia revolução voltava pelo mesmo caminho e vinha occupar o seu lugar. Esta marcha e contra-marcha não era uma creação

orchestica dos auctores de tragedias; era tão antiga como o sacrificio de Baccho e d'elle tinha passado para o drama. Ora a liturgia vedica acrescenta a esses movimentos uma circumstancia de grande importancia, qual é a maneira porque elles eram orientados. O altar primitivamente estava disposto de modo que o sacerdote tivesse a face voltada para o Oriente, uso que se conservou por muito tempo mesmo entre os christãos. O coro, isto é, os fieis ou antes os sacerdotes que assistiam o celebrante e cujo numero variou por differentes vezes, olhava tambem para o mesmo lado. Levantava-se o sol no horisonte. Os povos arjos, tendo saído só muito tarde do hemispherio boreal e sendo em pequeno numero os que passaram o equador, viam o sol nascente seguir uma direcção obliqua para o meio dia, á direita do altar em que ardia o fogo; era n'este momento que entoavam o hymno, e o còro, para honrar o grande illuminador e o pae da vida, marchava para a direita ao seu encontro, cantava o seu louvor e voltava ao seu logar para ali assistir ao resto da cerimonia. Este uso, como se vê, não tem nada exclusivamente hellenico; é como Orpheo e ainda mais do que elle, contemporaneo dos primeiros cultos arjos. Os gregos trouxeram n'ò da Asia. Sujeito aos rythmos doricos na proximidade dos tempos historicos, passou dos vinhedos do isthmo para os das collinas athenienses e foi conservado pela tragedia quando esta se constituiu definitivamente.

Portanto na formação do drama a parte que pertence aos Doricos é muito pequena, porque, exceptuando um rhythmo coral, limita-se a um uso muito antigo de que elles apenas foram os conservadores.

Para nós o drama não é isso; o drama é o dialogo, é o acto que se realisa na scena. A acção dramatica foi creada pelos Athenienses, a lingua em que é escripto o dialogo é o ionio de Athenas, e a musica das partes cantadas pelos actores não podia, segundo Aristoteles, ser a harmonia dorica. A organização material do theatro toda, a scena, as bancadas, a mascara, é criação atheniense; data do fim do seculo vi e da primeira metade do v antes de Christo. Quasi todos os elementos da tragedia são posteriores a Solon, isto é, á appareição no mundo e á primeira organização da democracia e da liberdade.

Do mesmo modo e quasi pelo mesmo tempo, o canto de Còmos, esteril na mão dos Doricos, foi importado n'uma communa da Attica pelo megariano Susarion. O còro grotesco do deus do vinho apenas introduzido n'este meio fecundo, em um povo livre, sem mysticismo, composto de commerciantes e de maritimos que se assimilavam as invenções extranhas e as desenvolviam com uma iniciativa vigorosa, transformou-se n'uma scena regular que veio a ser a comedia. Livre, audaz e desenfreada nas paixões, a comedia atacou tudo, o proprio Baccho e os deuses, com grande escandalo dos povos doricos e do velho feudalismo. A sua historia é a da liberdade atheniense — politica durante mais de cem annos, perdeu essa feição depois da tomada de Athenas pelo dorico Lysandro. Desde então, sem moralidade e sem independencia ganhou em arte o que perdeu em grandesa, até o dia em que a Grecia, feita monarchia e avassalada pelos reis macedonicos, deixou de produzir obras comicas dignas

de serem conservadas na memoria da posteridade.

Finda aqui a obra de Otfried Muller, por isso não levaremos mais longe o nosso exame. O resto da obra é de Donaldson. Diremos apenas que a contor de Alexandre Magno uma nova influencia, a do Oriente, veio actuar no mundo hellenico. O Oriente, n'aquella época é a Persia e a India. O movimento intellectual estava concentrado em Alexandria; era alli o ponto de reunião dos poetas, dos litteratos, dos sabios, dos philosophos, enfim, de todos aquelles a quem preocupava a renovação religiosa do Occidente. Athenas estava anniquilada; a força estava em Roma, e a idéa no Egypto. A acção poderosa d'este fazia-se sentir em todas as partes da litteratura, das artes e da civilisação hellenica. As formas que o espirito grego creara ou aperfeicoára com a sua originalidade nos ultimos dez seculos iam desaparecendo a pouco e pouco deante das doutrinas da India e da Persia, a ponto que chegou um dia em que o judeu alexandrino Philo, contemporaneo ou predecessor immediato de Christo ponde dizer: «Ha aqui um homem que se chama Oriente.» Nesse dia a Grecia original deixou de existir, as suas idéas fundiam-se n'um elemento novo em que desapareciam, sem contudo se perderem, como uma gotta d'agua lançada no Oceano: ia nascer o mundo christão.

Se fosse permittido introduzir uma formula mathematica n'uma historia que não parece á primeira vista susceptivel de tanta exactidão, diria eu que a lei que presidiu ao desenvolvimento do genio grego e que Otfried Muller não ponde descobrir se pode expor d'este modo: a originalidade grega não é absoluta; segue uma curva que começa em zero e termina no mesmo ponto: esta curva eleva-se acima da linha horisontal seguindo ordenadas que vão crescendo até á época de Pericles: é aqui o seu ponto culminante. A passar d'aqui, esta curva d'originalidade desce até á horisontal, com a qual ella acaba por se confundir sensivelmente. Na origem d'esta curva collocarei o nome de Orpheo, e no ponto em que ella termina o de Justiniano: a linha está comprehendida toda entre um symbolo primordial da Asia e um imperador christão de Constantinopla. O meio d'onde ella saiu é o Oriente antigo; o meio em que ella terminou é o christianismo que podemos em boa rasão chamar o Oriente moderno. Póde-se dizer que foi só no tempo de Pericles, na raça jonia, e principalmente em Athenas, que a Grecia mostrou a sua originalidade, livre finalmente de influencias externas.

A Grecia cresceu por um movimento espontaneo que a desligava do passado e ao mesmo tempo produzia o seu desenvolvimento interior, como um gomo vigoroso que na primavera rebenta e deixa o seu involuero do inverno. A florescencia deveu-a á liberdade; e á proporção que aquelle povo a ia perdendo iam tambem gradualmente apagando-se-lhe as feições uma a uma. Quando á voz de Paulo no Areopago elle despertou para uma vida nova, sentiu que era já christão.

É assim que vem successivamente á luz todas as formas da vida: cada uma d'ellas, estudada em si, parece original e espontanea na sua individualidade; porém se a approximarmos das que a precedem ou se lhe seguem, e a trouxermos á sua origem, offerece-se-nos como um producto

natural do passado e em cujo seio se estão já elaborando as formas do futuro.

DISCIPÇÃO DO SOL

É costume annual e quasi vulgar em alguns dos nossos lyceus, onde, diga-se de passagem, se exige que a tímida intelligencia das creanças se desinvolve mais, que o devera esperar o cuidado e a diligencia, que, durante o anno lectivo, se prestou ao seu progresso, é costume, repetimos, dar-se a — discipção do sol — e outras de igual transcendencia, como ponto de prova escripta no exame de portuguez.

Depois de uma frequencia, falle-se a verdade a favor da instrucção publica, menos descuidosa por parte dos alumnos que por parte de grande numero de professores, é para lamentar, não sómente que a educação litteraria da mocidade esteja confiada a quem, pouco escrupuloso na assiduidade com que deve promover-lhe as forças da intelligencia, e a quem, sejamos francos, pouco habilitado, lh'as não sabe depois medir, como os tractos intermitentes e afflictivos com que os examinandos torturam a imaginação, já conseja da impotencia dos fracos, e muitas vezes falsos recursos, que inutilmente chama em seu auxilio.

Por comiseracão para com estes ultimos esboçamos os seguintes pontos de apoio sobre a descripção exigida, a que damos o nome de

THEMA

Admiremos este bello astro radiante de ouro e de luz. Aproveitemo-nos da sua luz, gosemos do seu aspecto magestoso.

Ha nada no universo que offereça um espectáculo mais bello; objecto cuja fecunda influencia seja mais favoravel ás plantas e aos fructos com que nós nos nutrimos, cujo poder seja mais efficaç para fornecer ao homem a variedade dos bens que lhe são necessarios no curso da vida?

É elle que, desempenhando suas funcções acostumadas, dá a todos os corpos, a todos os seres animados, o principio de sua vida e de sua conservação; é elle que regula a successão dos tempos e dos annos; que divide as estações de maneira que parece darem-se a mão.

O seu poder regula tambem o movimento dos outros corpos celestes em espaços determinados.

Todos os logares gosam do seu calor, que penetra até nos mais profundos retiros, e entra ainda nas entranhas da terra, e ali se concentra, para criar o ouro e as pedras preciosas.

Nós lhe devemos todos os bens que gosamos, os fructos com que nos sustentamos: o sol doura as nossas searas, carrega as nossas arvores de fructos, dá a verdura aos prados, matiza a relva com mil cores variadas, esmalta de flores odoríferas os nossos jardins, perfuma os bosques, irrorra as plantas, desabrocha as flores, sasona os fructos... enfim, Deus o collocou no meio do universo, como a mais bella imagem de sua incomprehensivel sabedoria.

Que ha mais bello que o nascer do sol? Eil-o que escondido ao longe se nos annuncia pelos actos de fogo que projecta para longe de si. Não

apparece ainda, e comtudo já disfructamos, por assim dizer, da sua presença.

O incendio augmenta, o oriente divisa-se todo em channas. O astro que preside ao dia é esperado muito tempo antes de se nos mostrar.

Os outros astros que ha pouco ostentavam seu fulgor no firmamente recamando-o com o seu vivo esplendor, como que envergonhados, cedendo o brilho ao rei da natureza, desaparecem.

A cada instante julgamos vel-o; finalmente fulge.

Um ponto luminoso parte e atravessa o hemispherio como um raio, desenrolando um manto de ouro purpureo com que mede o espaço!

A luz tem rasgado o véo das trevas que substituiu; o homem confessa quanto deve ao Creator que assim lhe mostra a natureza inteira, revestida por aquelle astro das mais lucidas galas, e com prazer se submete á pena por Elle imposta ao peccado original, ao trabalho que

É riqueza, é virtude, é vigor!

Os animaes que procuram os alimentos com que se sustentam; todos acham no sol um protector, um pae.

A verdura tomou um novo vigor; os primeiros raios que a douram, mostram-na rociada de aljofres resplandecentes e que reflectem a luz e as cores nos olhos do observador.

As aves em coro reunidas desprendem alegres trinados e multiplices gorgeios de que se servem para saudarem juntas o pae da vida.

Allivo em seu solio dourado, percorre o planeta da felicidade os espaços do céo, dardejando formoso e bello os seus fulgores e raios, até perder-se no seu occaso d'onde parece enviar-nos um ultimo *adeus* com que retribue a saudade que nos deixa.

Segundo os astrónomos, é o sol um corpo espherico, luminoso; centro do nosso systema planetario, e regulador do movimento da terra e dos outros planetas; origem principal do calor e da luz, e, como tal, o principio vivificante de todos os seres organisados.

Tem um movimento de rotaçáo sobre si mesmo que se opera em 25 dias e 5 horas, do occidente para o oriente. Parece, além d'isto, deslocar-se lentamente no espaço e approximar-se pouco e pouco de uma das estrellas da constellação *Hercules*.

A distancia media do sol á terra é de cerca de 152 milhões de kilometros; é por effeito d'esta distancia que a sua luz não chega até nós em menos de 8 minutos e 13 segundos.

Este astro é o mais consideravel de todos os corpos celestes que a sciencia pôde medir até hoje; é considerado maior do que a terra 1,407,124 vezes.

O sol foi o objecto da adoraçáo da maior parte dos povos primitivos, e sobretudo dos povos do Oriente: era o *Bel* ou *Baal* dos chaldeus, o *Moloch* dos chananeos, o *Osiris* dos egipcios, o *Mithra* dos persas, o *Adonis* dos phenicios, o *Phæbus* dos gregos e dos romanos, o *Patchacamak* dos peruvianos, etc. Este astro recebia sobretudo um culto solemne no Egypto e na Syria; Moisés prohibio este culto aos israelitas sob pena de morte.



Egreja de S. Carlos de Borromeu, em Vienna

Para se fazer idéa da riqueza de Vienna, em bellos edificios, seria necessario fazer a descripção do palacio do duque de Saxe-Teschen, que pertenceu depois ao archiduque Charles; da casa da moeda; da da chancellaria da côrte; da casa onde se reúne o conselho de guerra; da da chancellaria de Bohemia e chancellaria da Hungria; da casa da camara; dos palacios do arcebispo e da universidade; do da assembléa dos estudos, edificado no estylo gothico; dos theatros; do observatorio, etc., etc.

As egrejas de Vienna, sobretudo, merecem particular menção. Na torre da igreja de Santo Estevão, que goza do titulo de cathedral, ha um sino que pesa 56:000 libras, e que foi fundido das peças tomadas aos turcos quando levantaram o cerco de Vienna. Esta torre tem mais de quatrocentos pés de altura. Santo Estevão encerra trinta e oito altares de marmore, os tumulos do imperador Frederico IV, o principe Eugenio de Saboia, etc. A igreja de S. Pedro, edificada sob o modelo da magnifica basilica d'este nome, em Roma, tem uma cupula coberta de cobre; na igreja dos Agostinhos, os curiosos não deixam de vér o mausoléu que Canova mandou erigir á archiduqueza Christina, e o de Leopoldo II, por Zauner. A igreja de S. Rupert data de 740. É no subterraneo da igreja dos Capuchinhos que estão sepultados os principes da casa d'Austria. Ha em Vienna um uso singular, relativamente á sepultura dos membros da familia imperial, e é que, sendo os corpos depositados na igreja dos Capuchinhos, as entranhas vão

para a igreja de S. Estevão, e os corações para a dos Agostinhos. Proximo do burgo de Wieden, está situada a igreja de S. Carlos de Borromeu (vide gravura), a mais regular das egrejas de Vienna, que foi construida em cumprimento de um voto, feito pelo imperador Carlos IV, para fazer cessar a peste, que ali grassou em 1713.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 147)

IX

Ha na *Historia de Florença*, que vamos estudando, a descripção eloquentissima de uma terrivel tromba, que desfechou sobre uma parte da Italia no anno de 1456.

Essa descripção notavel quero eu apresentar aos leitores, na propria lingua do historiador, não só por ser um modelo no seu genero, senão tambem como demonstração da valentia da lingua toscana, quando é manejada por um escriptor tão talentoso, qual era Nicoláo Machiavel:

«Ma ritornando alle cose d'Italia, dico come correva l'anno 1456, quando i tumulti mossi dá Giacopo Piccinino finirono; donde che posate l'armi dagli huomini, parve che Dio le volesse

prender e egli, tanta fui grande una tempesta de venti che all'ora seguí, la quale in Toscana fece inauditi per l'adietro, à chi per l'avvenire l'intenderà maravigliosi e memorabili effetti. Partissi al 24 d'Agosto una hora avanti giorno dalle parti del mare di sopra di verso d'Ancona, & attraversando per l'Italia entrò nel mar sotto verso Pisa un turbine d'una nugola grossa e folta, la quale quasi che 2 miglia di spatio per ogni verso occupava. Questa spinta da superiori forze, ò naturali ò soprannaturali ch'elle fussero, in se medesima combatteva, e le spezzate nugole hora verso il cielo salendo, hora verso la terra scendendo insieme si urtavano, & hora in giro con una velocità grandissima si movevano, e davanti a loro un vento fuora d'ogni modo impetuoso concitavano, e spessi fuochi e lucidissimi lampi tra loro nel combattere apparivano. Da questi così rotte e confuse nebbie, da questi così furiosi venti e spessi splendori nasceva un romore, non mai d'alcuna qualità ò grandezza di terremoto ò di tuono udito, d'alquale useiva tanto spavento, che ciascuno che lo sentì giudicava che'l fine del mudo fusse venuto, & la terra, l'acqua, & il resto del cielo & del mondo nell'antico Chaos mescolandosi insieme ritornassero. Fè questo spaventevole turbine dovunque passò inauditi e maravigliosi effetti; ma più notabili ch'altrove intorno al castello de S. Cassiano seguirono.

.....
 Onde che passata la tempesta, & venuto il giorno, gli huomini stupidi al tutto erano rimasi. Vedevasi il paese desolato e guasto, vedevasi la rovina delle case & de' tempj, sentivansi i lamenti di quelli che vedevano le lor possessioni distrutte, & sotto le rovine havevano lasciato i lor bestiami & i lor parenti morti; la qual cosa a chi vedeva & udiva recava compassione & spavento grandissimo. (Libro sexto.)» =

O que em linguagem tanto quer dizer como isto: = «Voltando ás cousas de Italia, é de saber que ia correndo o anno de 1456, quando terminaram os tumultos que Giacompo Piccinino moveva. Deposto haviam os homens as armas; mas dir se-hia que foi da vantade de Deus empunhalas por sua conta... tamanha foi uma tempestade que então houve na Toscana! Causou ella estragos taes, como os tempos passados não tinham visto, e os vindouros ouvirão com pasmo os seus effeitos memoraveis e prodigiosos. Ergueu-se no dia 24 d'agosto, antemanhã, do mar visinho de Ancona um tufão de espessas e carregadas nuvens, — o qual, atravessando a Italia, entrou no mar, abaixo de Pisa. Occupava por todos os lados quasi duas milhas de espaço. Impellido por forças superiores, naturaes, e quem sabe se também sobrenaturaes?, debatia-se consigo mesmo; e as nuvens, rompendo-se, ora subiam ás mais altas regiões, ora desciam á terra, enfurecidas e remoinhando com uma velocidade incrível. N'este pelejar furioso, arremessavam adiante de si uma ventania impetuosa, acompanhada de fogo e de relampagos scintilantes. D'essas nuvens despedaçadas e confusas, d'esses ventos embravecidos, d'esses medonhos lumes, nascia um ruido mais pavoroso que o de um terremoto, que o de atoadores trovões; e os que o ouviam atterravam-se, crendo que acabava o mundo, e que a terra, a agoa, o restante do céo e do universo, confundindo-se entre si, iam converter-se no an-

tigo cahos. Levou o tufão espantosos estragos a toda a parte, por onde passou; mas principalmente foi assolador nas visinhanças do Castello de S. Cassiano. (*Particularisa aqui alguns effeitos funestos da horrorisa tempestade*) Em passando o furor da procella, e quando despontou a luz do dia, estavam as creaturas humanas como que estupidas, desassisadas. Viam um paiz assolado e coberto de destroços; viam por terra as casas e os templos: ouviam os gritos dos que lastimavam a perda de seus parentes, de suas propriedades, dos seus gados... tudo sepultado debaixo das ruínas! Ver um espectáculo tão melancolico, ouvir tão dolorosos gemidos... desafiava a compaixão e o pranto, incutia espanto e terror!» =

Pondera Machiavel que ainda quiz a Providencia ser benigna, poupando a cidade de Florença, arredando d'ali o fatal furacão, e fazendo-o girar pelos campos, onde encontrava casas espalhadas e arvores,— ao passo que em Florença cairia sobre edificios e homens agrupados em estreito recinto.

— Para não omittirmos ponderação alguma critica a respeito da *Historia de Florença*, diremos que se lamenta não ter Machiavel fallado se não dos acontecimentos politicos e dos da guerra, ao passo que deixa completamente ás escuras a restante vida social d'aquelle povo. E comtudo, essa restante parte da vida de um povo, que o eloquente historiador omitta, he nada menos do que a mais importante, a essencial feição da existencia das nações. O Commercio, a Administração, a Fazenda, a Industria, as Bellas-Artes, as Lettras, as Sciencias, eis o que interessa examinar de perto, quando se escreve a historia de um povo; eis o que convem descrever, quando se apresenta o quadro de uma nação em um dado periodo de tempo.

Sobre os assumptos que deixamos indicados não nos apresenta Machiavel noticia alguma; de sorte que para completarmos as noções historicas a respeito de Florença, indispensavelmente carecemos de recorrer a outros livros, nos quaes tenham sido investigados e analysados os documentos d'aquellas eras, depositarios de segredos mil que a curiosidade moderna pretende ver revelados.

Ao fallar de Florença acode desde logo a encantada imagem das Bellas-Artes, representada por um grande numero de obras primas de pintura, de esculptura, e de architectura; e por isso espanta que uma intelligencia tão illustrada, como era a de Machiavel, não fixasse a sua attenção sobre as risonhas e formosissimas manifestações do *Gosto*, que um povo tão felizmente dotado pela natureza offerencia á admiração do historiador.

Artaud, um dos maiores admiradores de Machiavel, não póde deixar de lamentar também esta falta; e se, por excepção, aponta o nome de Brunelleschi, como sendo citado pelo auctor da *Historia de Florença*, é certo que muito de passagem, e ainda assim debaixo de um ponto do vista politico, vem commemorado o famoso architecto, de quem um illustre personagem chegou a dizer: *Florença é tão digna de o contar no numero dos seus cidadãos, quanto elle é digno de ter uma tão bella patria!*

Eis aqui, em todo caso, as palavras de Artaud, com referencia ao reparo que fizemos: = «Já no-

támos que Machiavel muito raramente falla das artes e dos artistas; no entanto nomeia neste logar Philippe Brunelleschi, o celebre architecto que povoára a cidade de Florença de suas obras gloriosas, e que merecera, depois da sua morte, que a sua figura em marmore fosse collocada no principal templo de Florença. Machiavel o menciona a proposito do conselho que deu de fazer inundar a cidade de Lucca, com a qual estavam então em guerra; mas esta empreza não teve bom exito.» = (1)

Quando comecei a lèr a *Historia de Florença*, de Machiavel, preparava-me para, entre outros assumptos recommendaveis, encontrar ali algumas noticias e ponderações interessantes acerca do Dante; imaginando que o historiador não deixaria de encarar de frente aquelle grandioso vulto, ou fosse sob o aspecto do papel politico representado pelo famoso Florentino, — ou fosse debaixo do ponto de vista da poesia, como era tão natural, visto como estava em scena o incomparavel auctor da *Divina comedia*. Mas a minha expectativa não foi satisfeita. Machiavel apenas menciona, na *Historia de Florença*, o nome do Dante, e isto por occasião de referir que a Senhoria de Florença, inspirada pelos conselhos d'aquelle cidadão, armára o povo e muitos habitantes dos campos contra a facção dos *Negros*. A commemoração é honrosa; mas apoucada e insufficiente.

— Se a curiosidade dos leitores não encontra na *Historia de Florença* o alimento saboroso de noticias e apreciações sobre as Lettras e as Bellas-Artes, sobre os litteratos e os artistas, — lembremo-nos de que tinha Machiavel diante de si numerosissimos acontecimentos e vultos politicos, que mais que muito deviam absorver-lhe a attenção. Sirva esta consideração de desculpa ao insigne historiador, que a outros respeito muito se distinguio no seu trabalho historico.

— Continuarêmos no artigo seguinte o nosso estudo da *Historia de Florença*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

POETAS E PROSADORES

(Continuado de pag. 161)

Um poeta juvenil, que podia dizer como Alfredo de Musset e o sr. Guerra Junqueiro: *Mes premiers vers sont d'un enfant*, parece escapar a esta epidemia que grassa no paiz. Conhecem-n'o já muito os leitores do *Panorama*; o volume que elle publicou foi-lhes apresentado tambem pela voz authorisada e grave do sr. José Silvestre Ribeiro; é o sr. Candido de Figueiredo moço de pouco mais de vinte annos, que reúne as primeiras produções do seu alto engenho n'um volume a que dá o titulo de *Quadros cambiantes*. Não devo occupar-me largamente d'elle pelas duas razões que acima apontei, mas não devo tambem eximir-me a prestar homenagem a um talento que desponta com tal esplendor.

E é um talento serio o que alli brota e que já na idade juvenil, em que tudo o que brilha seduz, se não deixa facilmente fascinar pelos fôgos fa-

tuos do estylo. Concorreu talvez para o habituar quasi desde criança ao culto austero do pensamento a educação do seminario, não a que dão os mestres e os directores, mas a que o poeta recebe involuntariamente da soledade meditativa que o rodeia, do eloquente silencio da egreja quando as sombras do crepusculo começam a cobrir a nave, e do manusear dos santos livros tão cheios de unção religiosa, e de grave tristeza! Que o sr. Candido de Figueiredo se familiarisou com elles vê-se d'algumas traducções dos psalmos de David, que apparecem no seu volume. Bastavã a frequente leitura dos psalmos sublimes do rei-propheta para lhe dar ao pensamento uma elevação augusta, para lhe dar ao espirito uma tempera forte, para o preservar em fim das frivolas seducções, que no mundo corroem, desde os annos infantis, a imaginação d'aquelles que o destino fadou poetas.

E comtudo o sr. Candido de Figueiredo não franqueou sem saudades do seculo as portas do seminario, d'onde creio que tornou a sair. Como a Jocelyn não foi a vocação, foi o sacrificio voluntario que o arrojou aos pés do altar; como o heroe de Lamartine, tambem o acompanham ao recinto sagrado, doidejantes na sua phantasia, as imagens risonhas das radiantes bellezas que entre-divisou no mundo.

Du bal, hélas! fini, fantômes gracieux
Mille ombres de beauté dansent devant mes yeux;
Je vois luire un regard dans la nuit; il me semble
Sentir de douces mains presser ma main qui tremble;
De blonds cheveux jetés par le voile mouvant
Sur ma peau qui frémit glissent comme un doux vent;
Je vois tomber des fronts mille roses flétries,
J'entends mon nom redit par des lèvres chéries
Anna! Blanche! Lucie! oh! que me voulez-vous?
Qu'est-ce donc que l'amour, si son rêve est si doux?

Tanto melhor! o sonho, que foge do sanctuario, como a pomba da arca, ha de trazer não o ramo d'oliveira, mas a rosa das grinaldas amorosas para cingir com ella a fronte do poeta, já toucada das violetas que brotam no claustrosilencioso e sombrio; vago perfume voluptuoso, purificado pelo sagrado ambiente que atravessa, dará ainda realce maior ás mysticas fragrancias que algumas vezes rescendem os cantos do poeta; porque elle, da mesma fôrma que o amante de Laurence, apesar da repugnancia com que se prepara para o sacerdocio, ha de ir chamado por uma attracção secreta à egreja mysteriosa

Quand les rayons du soir, que l'occident rappelle
Éteignent aux vitraux leur dernière étincelle,
Qu'au fond du sanctuaire un feu flottant qui luit
Scintille comme un oeil ouvert sur cette nuit...

e das inspirações que essas abobadas profundas choverem sobre a fronte do joven seminarista é que ha de brotar aquella magnifica poesia que abre o volume e que se intitula *Deus*.

O sr. José Silvestre Ribeiro, n'um artigo especial que publicou sobre os *Quadros cambiantes*, fez notar com todo o acerto aos leitores do

(1) Machiavel, son génie, etc. tomo 2.º pag. 139.

Panorama os predicados e os defeitos do poeta. Esses defeitos são pela maior parte incorrecções de fórma. Que ventura! Achar finalmente em 1868 n'um poeta que se estreia o desprimor da palavra e do metro! Julguei que já se não encontrava d'isso, que os poetas moços estavam todos meneando o thuribulo diante dos altares da *Fórma*, essa deusa pagã da litteratura moderna, e que não havia um só que tivesse bastante fogo de mocidade para que, enlevado no vôo do pensamento, descurasse a compostura das plumas nas azas que o levantam ao céu. Encontra-se ainda, como se vê, e é esse um dos prognosticos mais seguros por onde posso agourar ao notavel talento do sr. Candido de Figueiredo um magnifico porvir na republica das letras.

Nunca appareceu com tão ampla colheita de melicas flores um tal enxame de poetas juvenis. O sr. Guerra Junqueiro é um adolescente, o sr. Guilherme d'Azevedo creio que tambem não vai muito adiantado na vida, o sr. Candido de Figueiredo data de 1866 uma poesia composta no dia anniversario dos seus vinte annos, e n'uma obsequiosa carta que acompanhou a remessa do seu volume *Luz e sombras* impresso em Braga, diz-me o sr. Alfredo Campos que apenas conta dezenove annos. Deve a critica indulgencia aos que entram na arena, quando mal acabaram de vestir a toga viril. Não me succedeu isso a mim: publiquei o meu pobre *Poema da mocidade*, contando apenas pouco mais de vinte e dois annos, e a critica salteiou-me como poderia salteiar um mestre que fica abaixo da sua reputação. Embora! Não serei por isso mais severo com os que entram agora no circo, onde me fizeram morder a olympica poeira.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

A ILHA DA MADEIRA

(Fragmento d'um romance inglez)

Não conheço paiz algum no globo que, ao embarcar-se pela primeira vez, mais agrade e surpreenda do que a ilha da Madeira.

Embarca o viajante, e, como quasi sempre acontece, encerra-se no camarote, em consequencia da penosa prostração motivada pelo enjão.

Supponhamos que partira da Inglaterra no nebuloso fim do outomno, ou na frigida concentração de um inverno inglez.

Decorrida uma semana, ou ainda em periodo mais curto, torna a ver aquella *terra firme* por que tanto suspirara, e onde, nas horas de soffrimento, se desejaria achar, ainda que n'isso dependesse metade da fortuna.

Que mudança, apenas chegado á ilha!

O inverno muda-se em verão: a mais viciosa e variada folhagem cobre os despídos arvoredos. A neve e o gelo são transformados pelo calor e pela esplendidez. A perspectiva da zona temperada é substituida pela profusão e magnificencia dos tropicos. Fructa, que nunca vira, fornece-lhe a mesa sem que elle o saiba.

Apresentam-se-lhe, brilhante o céu; resplendente o sol; as vinhas dispostas pelas collinas; o mar, azul-escuro; os modos de trajar, novos e pittorescos; tudo, enfim, se ostenta com tanto enlevo para os olhos, que, no momento de pôr o pé em terra, chega até a considerar demasiada tanta luxuriante verdura para uma ilha. Accrescente-se a tudo isto a illimitada hospitalidade da colonia ingleza, o que motiva que jámais nos saiciemos d'ali residir.

Será portanto de admirar que a ilha da Madeira se grave como um «paiz vecejante» na memoria de todos os que a visitam ou que d'ella regresam cheios de saudade?

EDUARDO A. R. DOS REIS.

SAUDADES!...

(Improviso)

Saudade, gosto-amargo de infelizes,
Delicioso pungir d'acerbo espinho.
GARRETT.

Entre as sombras do passado
Surge em visões a verdade
Com um som arrebatado
Aos echos da soledade.

Vemos a infancia sorrindo,
Da mocidade os desejos,
As creanças que vão surgindo,
Da lyra os meigos harpejos...

E a mente que nos recorda
Passadas scenas de outr'ora,
Que as lembranças nos acorda
Dia por dia, hora a hora;

As illusões que sonhamos,
As alegrias e dôres, —
Miragens de que formámos
Um porvir todo de amores;

A luz, o céu, a innocencia,
Sorrisos de louca esperança,
Flores de subtil essencia
Com que se adorna a creança;

O gorgear de avesinhas
Por entré as folhas do olmeiro,
O matiz de mil florinhas
Que rebrilha em cada outeiro...

Tudo relembra aos meus olhos
Essa vida do passado
Sem o pungir dos abrolhos,
Sem espinhos de um mão fado!

Oh! — saudade, sim, lembrança
Que é tambem esquecimento,
Luz que na infancia nos lança
E apaga a dor do momento;

Saudade, que és a tristeza
Confundida na alegria,
Como do sol a belleza —
Descora se cae o dia;

Eu gosto n'este momento
De evocar a antiga idade,
Soltando ás azas do vento
Teu bello nome, — saudade!

Abril de 1868.

C. D'ANDRADE.